

1227

ANTÔNIO JOSÉ TEIXEIRA,  
*Major de Infantaria e  
Vogal Auxiliar da Comissão de  
História Militar.*

**EM VOLTA  
DUMA  
ESPADA**



D. B. VINHAS.

RC  
MNCT  
94  
TEI

25 1 2



1227

EM VOLTA DUMA ESPADA

GLÓRIAS MIRANDESAS



25 1 1933

**DO MESMO AUTOR:**

A EDUCAÇÃO E A INSTRUÇÃO NO EXÉRCITO (DISCURSO)

SERVIÇO DE PATRULHAS NA INFANTARIA

LIÇÕES DE HERÓIS

REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 10 — BREVE RESUMO DOS  
SEUS FACTOS MAIS NOTÁVEIS

GLÓRIAS BRAGANÇANAS — POALHAS DA HISTÓRIA REGIONAL

**A PUBLICAR:**

INFANTARIA 10 DE TRÁS-OS-MONTES NA FLANDRES

ELEMENTOS DE TOPOGRAFIA PRÁTICA

ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA  
MAJOR DE INFANTARIA  
E VOGAL AUXILIAR DA COMISSÃO DE HISTÓRIA MILITAR

# Em volta duma espada

GLÓRIAS MIRANDESAS



1930

IMPRESA DAS OFICINAS DE FOTOGRAVURA DE MARQUES ABREU  
AVENIDA RODRIGUES DE FREITAS, 310  
PÓRTO

RC  
MNCT

94

TEI

25 1 1932

ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA

MAIOR DE INVENTARIA  
E VOGAL AUXILIAR DA COMISSÃO DE HISTÓRIA MILITAR

Em volta  
duma espada

GLÓRIAS MIRANDEAS



1930

IMPRESSA DAS OBRAS DE FOTOGRAFIA DE MARQUES ARRILHA

AVENIDA ROBERTO LE FORT, 310

PORTO

## ANTES DA LEITURA

*De há muito que pensávamos na publicação duns ligeiros apontamentos sôbre a história militar de Terras Mirandesas.*

*Esmorecia porém o nosso espirito ante dificuldades de tôda a ordem que julgávamos impossível derrubar.*

*As dificuldades relativas à parte fotográfica foram vencidas pelo meu camarada tenente Serafim Cardoso Pimenta a quem tributo os meus agradecimentos.*

*O resto . . . , que é tão pouco, foi procurado nos livros citados, na tradição oral e num ou noutra manuscrito que nos mostraram.*

*O leitor que não veja neste trabalho outro intuito que não seja o de fazer conhecer aos meus concidadãos as belezas e encantos duma região tão desprotegida e abandonada quão cheia de reliquias dignas de aprêço e estudo.*

*Que perdõem todos o descolorido da frase e porventura alguns êrros, a que a minha insuficiente cultura histórica pode ter dado origem.*

*Bragança, 1-XII-930.*

O AUTOR.





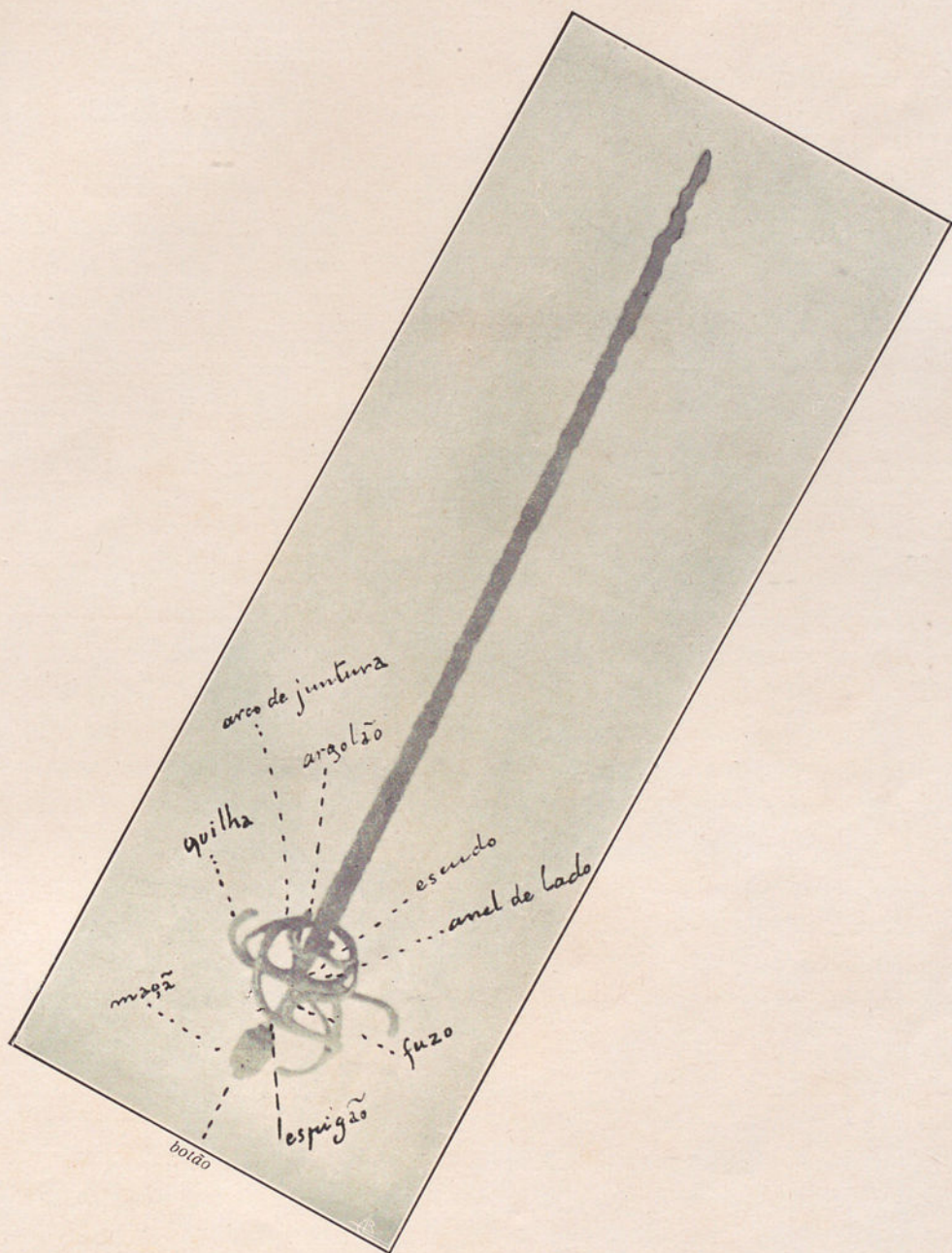


Fig. 1—Espada do século xvi encontrada nas ruínas do Castelo de Miranda quando se procedia a umas escavações nas proximidades de uma das cortinas. Foi esta espada que originou a presente monografia. (O guarda-mão duma espada século xvi compunha-se: de um escudo junto da base da lâmina; de um arco de juntura; dos ramos, do argolão, do anel de lado, da quilha, da maçã, do espigão, do fuzo e do botão.

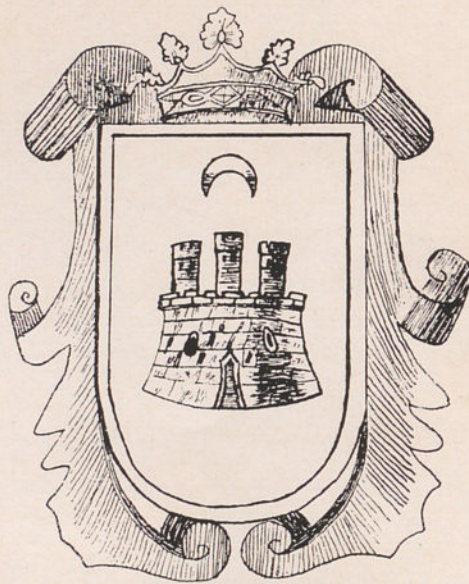


Fig. 2 — Armas da Cidade de Miranda

## EM VOLTA DUMA ESPADA

### Glórias Mirandesas

**A** MONTOAM-SE-NOS as ideas em catadupas ao contemplarmos uma misteriosa espada encontrada nas ruínas do Castelo de Miranda do Douro e oferecida ao Museu de Glórias Militares Bragançanas por um mui ilustre mirandês (Fig. 1). Pois foi essa espada que nos sugeriu a idea de darmos à publicidade uma série de factos histórico-militares que muito interêsse devem ter, em nossa humilde opinião, para todos quantos amam estas portuguezíssimas paragens e que desejam conhecer alguma coisa do seu passado.

A época ou o modelo dessa reliquia histórica descobre-se no dicionário *Nouveau Larousse Illustré*, a páginas 216, e aí encontramos a estampa, com a legenda descritiva, de tão raro apresto de Guerra.

\* \* \*

A antiga vila de Miranda do Douro, só cidade no reinado de D. João III, em 1545, colocada na parte meridional da nossa Província Transmontana, na margem direita do rio Douro que lhe serve de limites entre Leão e o nosso País, dizem ter tido, no tempo dos romanos, sucessivamente, os nomes de Contium, Parâmica e Sepôncia e ainda o de Cambetum Lubicanarum.

Com a conquista dos árabes, por 716, Pinho Leal conta que tomara o nome de Mira-Andul, o que significaria—Povoação

do Emir do Palanquim—e que, por corrupção, ficara depois Miranda.

Tomada e destruída, muitas vezes, por Lusitanos e Árabes, recebera-a em completo estado de ruínas o Conde D. Henrique.

Seu filho D. Afonso deu-lhe foral em 1136 e converteu-a em Praça de Guerra atendendo à posição que ocupava na fronteira e à facilidade com que se defenderia dos turbulentos leoneses com quem, como é sabido, tão encarniçadas lutas sustentou.

O neto deste monarca, D. Afonso o Gordo, confirmou em Coimbra em 1217 os privilégios e o foral concedidos a Miranda.

D. Diniz aumentou-os com o foral dado em Santarem a 18-XII-1286 que a fez vila do seu reino com o privilégio de nunca sair da corôa.

O último foral que esta terra recebe é dado pelo rei Venturoso, em Santarem, a 1-6-1510.

Se D. Afonso I iniciara as obras de defesa desta praça, seu filho D. Sancho I continuou-as, mandando construir, em redor da povoação, uma outra cêrca de muralhas defendida por algumas tôrres e cubelos.

A interessante e gloriosa história da velha cidade acha-se quâsi tôda ligada à da não menos antiga, briosa e heróica cidade de Bragança, sofrendo Miranda, com esta, horas de dolorosas contrariedades e as horas martirizantes e amargas das guerras.

Cercada, bem como Bragança, pelos Leoneses, no reinado de D. Afonso II, como nos diz Herculano, só em 1213 nos é restituída por Afonso IX de Leão.

A visita de D. Dinis em 7-2-1287, algum proveito lhe deu, pois êste monarca, desde 1294 até 1299, mandou reedificar o seu castelo, reconstruindo-o, desde os seus fundamentos e fez-lhe ampliar as muralhas.

O tratado de Alcaniças em 1297 reconhece a Portugal as conquistas dionisiacas de terras nas ribas do Douro e do Côa, e, para ficar mais firme essa paz, realizaram-se os casamentos da nossa infanta D. Constança com D. Fernando IV de Castela e da infanta irmã deste, D. Beatris, com o nosso depois rei, D. Afonso IV.

E se Bragança em 1370, com as guerras entre D. Fernando e D. Henrique de Castela, caiu em poder dos Castelhanos, no dizer

de Fernão Lopes e de Duarte Nunes de Leão, Miranda seguiu-se-lhe na queda por vil estratagem, só sendo restituída, com a paz de Alcoutim ou tratado de Évora, em 31-3-1371.

Quando após a morte de D. Fernando, em 1383, surgiram os vários pretendentes à corôa de Portugal, ficando finalmente só em campo D. João I e D. João I de Castela, várias das nossas praças transmontanas seguiram o partido de Castela ficando bem poucas ao lado do Mestre de Aviz. Dessa lealdade se pode orgulhar Miranda, pois Fernão Lopes conta que «a Vila de Miranda desde o primeiro momento répelira a tutela do castelhano, tendo de sofrer as desastrosas conseqüências da guerra e o cêrco do Mestre de Alcântara em 1400».

O seu alcaide, enganado por uma falsa carta de D. João I de Portugal na qual lhe dizia que o não podia socorrer, entregou-a, mas conhecendo o engano em que o haviam feito cair fêz voto de franciscano, trocando, por isso, o nome de Ruy Lourenço de Távora pelo de Frei Lourenço...

Esta terra só volta para a corôa portuguesa com a paz de Segóvia, como nos diz O. Martins, tendo sido rectificado o tratado que a restituía em 1411, em Medina del Campo.

Em 1749, seguidamente à desditosa peleja de Toro, o príncipe que depois foi D. João II veio passar a Páscoa a Miranda do Douro onde a princesa D. Leonor sua mulher o aguardava.

As armas da cidade (Fig. 2) aparecem, como é óbvio, com D. João III, um lindo escudo coroadado, tendo no meio um castelo com três tôrres e sôbre a tôrre do centro a lua em quarto crescente com as pontas para baixo; o Castelo significaria a fundação da cidade acastelada e a lua em crescente a esperança do engrandecimento sucessivo da povoação.

É o mesmo monarca que lhe dá a categoria de cidade, como já dissemos, ao mesmo tempo que lhe confere o privilégio de mandar procuradores às côrtes com assento no banco 4.º, em 1545 (Figs. 3 e 4).

O artigo da *Enciclopédia Portuguesa* de Maximiano de Lemos, cita um autor anónimo que nos diz: «Que estando ultimadas as negociações do enlace conjugal entre D. João e D. Catarina, a primeira terra portuguesa em que esta rainha pusera

pé fôra Miranda do Douro, e que em memória dêste acontecimento e a instância da rainha, que queria tornar grande esta terra, se criara a diocese de Miranda, iniciando-se depois a edificação da sua Sé (Figs. 5 e 6) em 1547, obra do architecto Gonçalves de Torralva, irmão do architecto do côro de Belem.

Até às Campanhas da Restauração Miranda não tem lutas de grande importância e, por isso, tudo nos leva a crer que a valiosa espada que originou estas divagações históricas deve ter lutado na guerra da aclamação, manejada por mão firme e robusta, e ainda nas outras campanhas que se lhe seguiram visto ser o seu modelo do século xvi, da época artística.

¿Mas em que guerras teve de intervir o território Mirandês?

### A Restauração

Analisemos êste período histórico e desfiemos os acontecimentos ocorridos em volta de Miranda, certos como estamos que hão-de fazer vibrar a alma dessa pléiade de legítimos transmontanos dêste concelho onde tão heróicas e inteligentes individualidades teem marcado e, em especial, a alma dessa cidade, hoje mergulhada no maior esquecimento e silêncio, ela que fôra um dos mais fortes baluartes da fronteira do N. E. de Portugal e a guarda gigantesca do Douro contra as incursões castelhanas.

Essa desmantelada fortaleza (Fig. 7) de que hoje já pouco existe, a-pesar-de tudo, ainda nos faz recordar a alma guerreira, o sentimento poético e a vida heróica dos que vigilantemente guardaram e defenderam êsses muros com sua tôrre de menagem (Fig. 8), em tórno da qual, certamente, se passaram scenas homéricas cuja narração constituiria um dos mais encantadores romances dos tempos medievos.

Nas silenciosas e tristes ruínas dessas desmanteladas muralhas há uma longa história a desfiar, descortinando-se em todos os seus capítulos, ora actos de valor e heroísmo, ora scenas de dôr e amargura como só a guerra é capaz de fazer surgir.

No alto do seu castelo, que mais uma vez é reedificado em 1664 por D. João IV apropriando-o aos usos de artilharia (como nos aponta Pinho Leal), para o que fêz demolir quatro

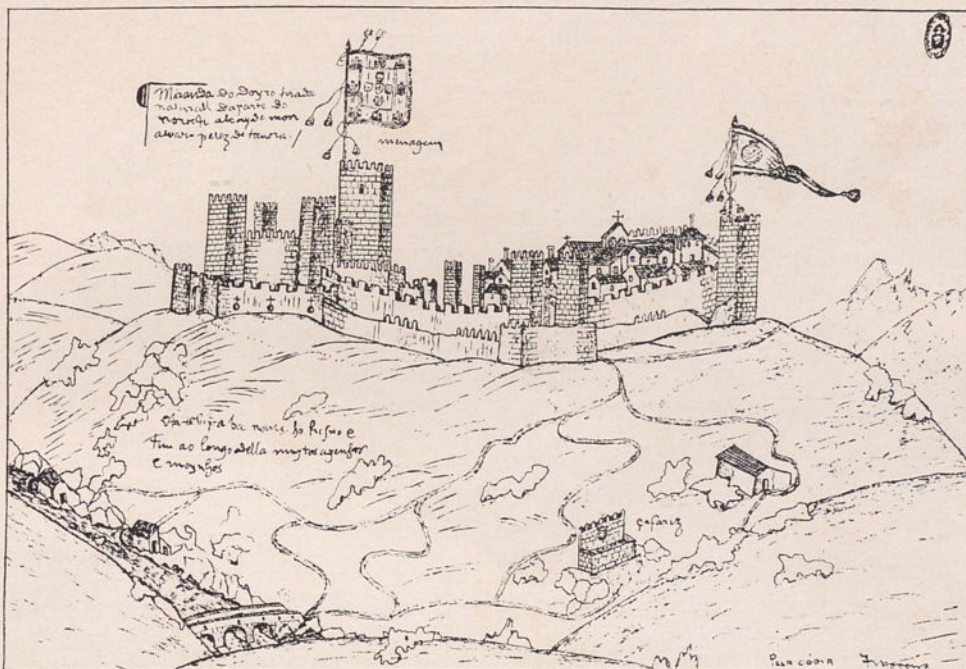


Fig. 3 — Miranda do Douro no século xvi. Desenho de Duarte de Armas, obtido na Tôrre do Tombo — do livro *Desenho das Fortalezas do Reino*, páginas 83.

As legendas dizem: Myranda do Doyro tirada do natuarll/da parte de noroeste/alcaide mor/alvaro pires de tavora/ Menagem  
esta ribeyra ha o nome ho fresno e/tem ao lôguo della muitas azenhas/e moynhos  
cafariz

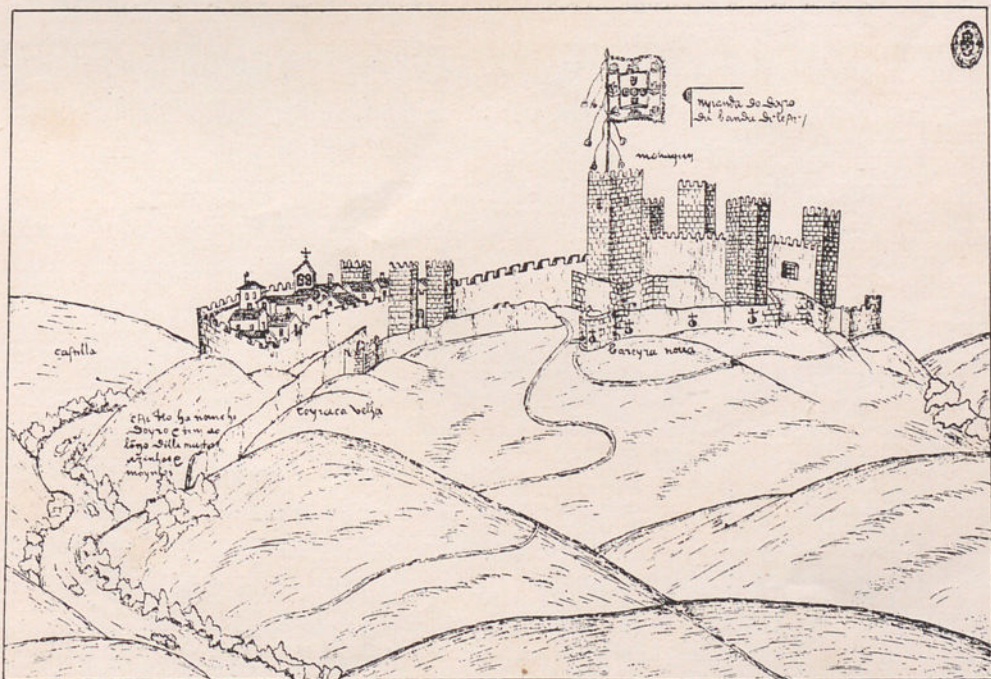


Fig. 4 — Miranda do Douro no século xvi. Desenho de Duarte de Armas, vista do lado leste, do *Livro das Fortalezas do Reino* — desenho em pergaminho, páginas 84. — Foi seu alcaide Mór, Alvaro Pires de Tavora.

As legendas dizem: Myranda do Doyro da banda de leste  
Castela  
este Rio ha nome ho Doyro e tem ao lôgo della muitas az/enhas e moy/nhos  
Coyraca Velha  
barreira nova



Fig. 5 — MIRANDA DO DOURO — Sé Catedral — Mandada construir por D. João III — Inaugurado o lançamento da primeira pedra em 24 de Maio de 1552. Belo templo de três naves. Mede da porta da entrada ao Cruzeiro  $23\text{m},30$  tendo de comprimento total  $48\text{m},90$ . A largura na altura do Cruzeiro é de  $40\text{m},30$ . Este templo possui um adro muito espaçoso todo em granito. O cabido da Sé de Miranda prestou, à defesa nacional, relevantes serviços ajudando monetariamente a levantar fortificações, muralhas, baluartes, etc.

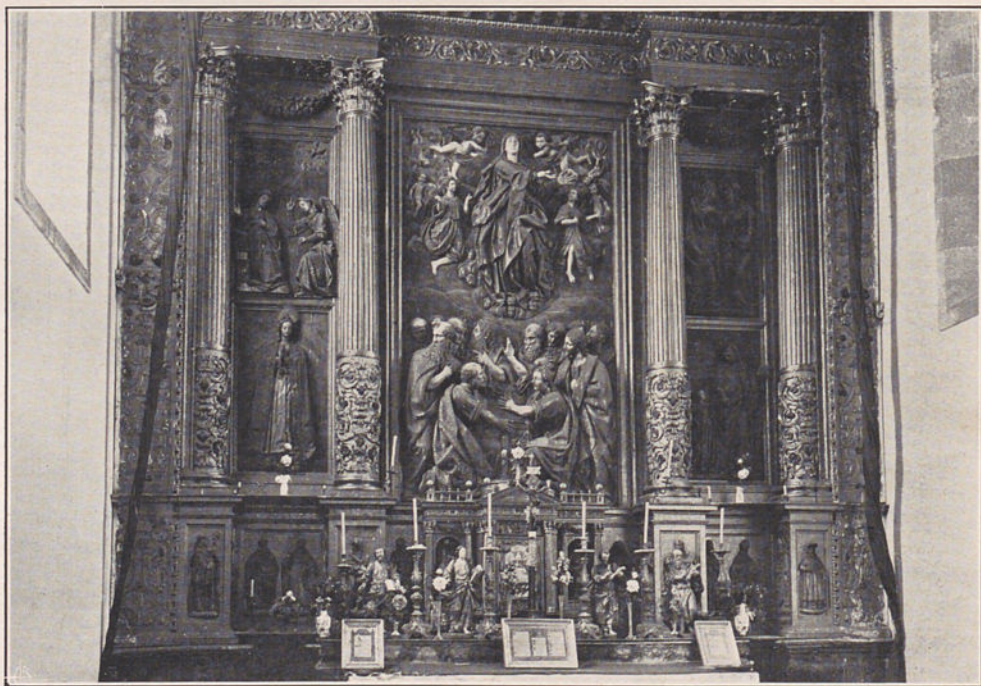


Fig. 6 — MIRANDA DO DOURO — Altar-mor da Sé — Contém 56 imagens parte delas de grande mérito artístico especialmente as do quadro da Assunção em tamanho natural e que se vê na figura: A bula de 22 de Maio de 1545 autoriza a criação do bispado de Miranda.



tôrres que existiam nos quatro ângulos do castelo para ficarem ao nível das cortinas, drapejaram, enfunados pelo Sôpro da Vitória, vários pendões, permanecendo ali, uns mais tempo, outros menos, conforme os azares das nações e as conseqüências das guerras. E são justamente essas guerras que nos trazem à imaginação o valor do combatente que quedara sepultado com a sua espada sempre e momentos antes brandida com galhardia, glória e brilho, ao sol de dezenas de combates contra os ímpetos das aguerridas hostes de Castela e já ao som duma artilharia que coroando a fortaleza da sacrificada cidade anunciava ao País que êle bem podia confiar na sua secular sentinela, esculca que só cairia morrendo pela Pátria!

Miranda parecia inexpugnável depois da construção dum forte mais para o N. que também D. João IV mandou fazer pela mesma época.

Mas reatemos o fio das nossas investigações e procuremos aclarar o mistério...

Em que época ou em que lutas, a espada e o seu possuidor ficaram jazendo sepultados nêsse solo tantas vezes regado e dignificado pelo sangue de leais, rudes e valorosos transmontanos!?

Se ela é do século xvi, como se verifica, só a partir da Guerra da Aclamação é que poderia haver sido brandida por um braço heróico...

\* \* \*

Por 1640 veio governar as armas da nossa província Martim Velho da Fonseca <sup>(1)</sup> metendo guarnição em Chaves,

(1) Na guerra dos vinte e oito anos, isto é, desde 1640 a 1668, foram muitos os governadores das armas de Trás-os-Montes e conseqüentemente das fôrças de Miranda do Douro e assim tiveram as tropas mirandesas por governadores:

Em 1640 — Martim Velho da Fonseca, veterano das guerras da Flandres.

Em 1641 — Rodrigo de Figueiredo Alarcão, um dos quarenta fidalgos do dia 1.º de Dezembro.

Em 1643 — D. João de Sousa Silveira, mestre de campo.

Em 1646 — Volta Rodrigo de Figueiredo Alarcão.

Em 1648 — Francisco de Sampaio.

Em 1649 — O filho que D. Filipa de Vilhena armara cavaleiro em 1640, D. Jerónimo de Ataíde, 6.º Conde de Atouguia.

Em 1652 — António Jacques de Paiva, mestre de campo.

Bragança e Miranda, e a fronteira desta última terra recebeu as incursões espanholas do Marquês de Alcaniças e Conde de Alva de Liste, e em 1641, a 6 de Outubro, as tropas dêstes guerreiros, cêrca de 2:000 homens, tentaram aprisionar seis peças de artilharia e munições que de Lisboa eram enviadas para Miranda e, por isso, resolveram invadir Duas Igrejas (Fig. 9), Malhadas (Fig. 10) e Caçarelhos (Fig. 11), esperando surpreender a passagem de tão importantes aprestos de guerra.

É Pedro de Melo, capitão-mor de Miranda que, vendo tantas tropas na sua capitânia, pede socorro ao governador de Moncorvo, e o governador das armas da Província, Rodrigo de Figueiredo, faz convergir, ao mesmo tempo, fôrças de Bragança e Mogadouro em Argozelo e ordena a Pedro de Melo que vá para a Espesiosa, como narra o sr. coronel Lopo.

E com estas fôrças se salvou não só Miranda, mas também a vila de Vimioso que estava ameaçada pelo Marquês de Alcaniças.

Nestes combates de 1641 e na tomada de Brandilhães distinguiram-se notavelmente os capitães Henrique de Figueiredo, Gregório de Escovar, António de Almeida, Francisco Pacheco e João de Queiroz.

Em 1646, pelo mês de Setembro, o governador da Província, Rodrigo Figueiredo de Alarcão (1), repeliu a entrada por Outeiro de Miranda (Fig. 12) do mestre de campo espanhol D. Francisco de Castro, governador da Puebla de Senábria e do corregedor D. Francisco Geldres, governador de Zamora, com 9:000 homens de infantaria, 400 de cavalaria e três peças de artilharia.

O Castelo de Outeiro foi tomado e destruido e bem assim Riofrio e Pâçô.

Ainda em 1652 — Joane Mendes de Vasconcelos, mestre de campo General.

Em 1659 — O General Luís Alvares de Távora, 3.º Conde de S. João e depois 1.º Marquês de Távora.

Em 1666 — Diogo de Brito Coutinho, mestre de campo General.

(1) Em 1641 queixa-se a El-rei da falta de «armas, munições e dinheiro para paga de gente de guerra que está levantada» e D. João pede ao cabido da Sé de Miranda que empreste ao governador das armas, 6:000 cruzados.

«Em 22 de Dezembro de 1644 D. João de Sousa pede ao cabido de Miranda que entregue 2:000 cruzados para compra de 25 cavalos que el-rei manda ir para a praça de Miranda, que equipados de selas, clavinas e pistolas, devem de custar uns pelos outros de 33 a 36:000 reis.»

Alarcão caiu de improviso, ao romper da alva, sôbre o acampamento do inimigo, a duas leguas de Bragança, perto do Pôrto das Areias, não longe de Parada e, na refrega, é ferido gravemente e morre o comandante espanhol, D. Francisco Geldres, sendo pôsto o inimigo em debandada que assim pagou o dano causado às nossas indefesas povoações, experimentando o revés originado pela falta de vigilância.

Rodrigo de Figueiredo persegue os castelhanos e obriga-os a levantar o cêrco que tinham pôsto a Miranda, como se lê no *Portugal Restaurado*, livro IX, do Conde de Ericeira.

Em 1655, sendo governador da Província Joanne Mendes de Vasconcelos (1), que alguns geitos dera aos Castelos de Bragança e Miranda, baluartes defensores da raia sêca desde o Douro ao Minho, as terras de Miranda, em especial Paradela, sofreram o saque.

António Jacques de Paiva, mestre de campo de Miranda, soube vingar-se, mandando contra o audaz castelhano o capitão de cavalos Fernão Pinto Bacelar que também soube surpreender o inimigo arrancando-lhe o produto do saque e fazendo uma considerável tomada no lugar de Samil, como também se lê no *Portugal Restaurado*.

Em represália entravam os espanhóis por Ifanes (2) com 500 infantes e 150 cavaleiros pretendendo conduzir grossa prêsa, o que não conseguiram por lhes haver caído em cima, e denodadamente, o mestre de campo Paiva, deixando poucos castelhanos com vida e perseguindo os destroços desde Brandilhães, onde se deu um recontro, até Fuenfria.

Em 1659 é nomeado governador das armas da Província de Trás-os-Montes o Conde de Mesquitela que faz reparar as fortificações e conseqüentemente o Castelo de Miranda, levantando gente para óccorrer às necessidades da defesa.

Nos princípios do ano de 1660 entrega o seu govêrno ao Conde de S. João, Luís Álvares de Távora, que imediatamente e

---

(1) Êste governador mandou cobrar oito mil cruzados das rendas da mitra de Miranda para despesas da guerra e agradece ao cabido o ânimo que em tudo mostra.

(2) Ifanes, já em 1211 pertencia à corôa, mas D. Sancho dera-a aos frades de Morervela, de Leão.

na ausência de Mesquitela se dirige a atacar a Vila de Alcaniças, fronteira ao território Mirandês e distante d'ele cêrca de 6 léguas, com 8:000 infantas, 300 cavalos e duas peças.

O forte teve de se render custando muitas vidas aos defensores, e as nossas tropas vieram ricas de despojos e animadas às grandes emprêsas, como nos diz no *Gabinete Histórico* Frei Cláudio da Conceição.

Em desfôrço desta acção os castelhanos entram por Miranda onde queimam vários logares abertos e despovoados por haverem retirado os seus moradores, por ordem de André Pinto Barbosa (1).

Em 1661, continuava Mesquitela no govêrno das armas da Província passando à Beira no mês de Julho e ficando entregue do govêrno o tenente General de Cavalaria Domingos da Ponte Galego.

A guerra amortece para os lados de Miranda; são outros logares fronteiriços que, entretanto, experimentam os seus horrores.

Ora em face do que exposto fica, ainda que muito sumariamente, temos de concluir que a Espada continuou brilhando nas guerras que se sucederam, pois não se havendo travado qualquer renhido combate nas proximidades das ruínas do Castelo, também motivos não temos para julgar o seu possuidor soterrado já, com a sua fiel defensora, nos terrenos em que o inteligente professor, hoje infelizmente falecido, Bento da Silva Mendes, a fôra encontrar (2).

E se a formosíssima espada, objecto de tantas locubrações, não ficou nos escombros Mirandeses na Guerra dos vinte e sete anos, guerra que de tanto brilho cobriu as armas portuguezas, collocando finalmente no trono portuguez o príncipe D. João, vejamos se, com as campanhas que Miranda observou, após esta luta, conseguimos desvendar o mistério...

---

(1) Em 18 de Novembro de 1660 escreve de Chaves pedindo 1:000 cruzados ao cabido de Miranda para reparar as fortificações desta Vila.

(2) Em 27 de Abril de 1662, o governador, Conde de S. João, pede 4:000 cruzados ao cabido de Miranda para compra de cavalos para a remonta, e em 3 de Abril de 1663 pede em nome de El-rei mais 2:000 cruzados para o mesmo fim.

## Guerra da Sucessão

Governava a província transmontana o 2.º conde de Alvor, Bernardo Filipe Nery de Távora. Os castelhanos invadem as nossas terras e derrotados no Vimioso, no combate das Caleiras, dirigem-se a sitiar Miranda, reconhecendo que, conquistada esta estratégica fortaleza, lhes ficaria assegurado o domínio de tóda a Província.

Verificaram que a praça, com a sua briosa guarnição, jera inexpugnável!... Seria necessário recorrer à baixeza, ao ardid!...

Era governador da praça Luís Machado, sendo sargento-mor Carlos Pimentel da Gama. A 8 de Julho de 1710 o Marquês de Bay, tendo batido as aldeias próximas e depois dum rigoroso cêrco à cidade que a nada se rende, manda cautelosamente, escondidamente, oferecer, ao sargento-mor, o prémio da traição ou sejam 6:000 dobrões, jpreço porque entregaria as chaves da cidade iludindo, para isso, a boa fé de todos!...

Abrindo-lhe uma porta falsa e facilitando-lhe uma escada por onde pudessem galgar a muralha dessa fortaleza (como nos cita D. Cândida Ferreira, ilustre professora e nóvel investigadora), assim se apoderaram da cidade, sem a mais insignificante luta, que depois jtanto havia de custar a reconquistar!

jOs habitantes ficaram aterrados, estupefactos!... Apenas se ouvira um tiro... jO que varara o filho do traidor!

O Judas ambicioso começara cedo a ter o prémio da sua traição, acabando depois vida miserável em terras de Castela, onde se refugiara, odiado e desprezado desde que se conheceu a sua torpeza.

O inimigo, senhor de Miranda, procura defendê-la bem e infesta, ao mesmo tempo, os povoados limítrofes, queimando, saqueando e assaltando povoações abertas como Algosó e Campo de Víboras, mas defendendo-se em Algosó, valorosamente, um alferes que apenas com vinte soldados guardava o Castelo, e que não capitulou.

Das *Memórias Arqueológicas* do erudito Abade de Baçal, se vê que no ano de 1711 pouco nos apresenta de notável esta guerra.

Achamos todavia curioso um documento de 1-2-711 que êle publica e que diz: «Que por carta recebida do sargento-mor de Batalha, Francisco de Távora e escrita em Bragança se sabe que entrando na Praça de Miranda o Brigadeiro Palomino, com seu regimento e 130 cavalos, para governá-la em vez do Marquez de Dragonete, mandara notificar os logares vizinhos à dita Praça para que pagassem contribuição, do que tendo notícia o dito Francisco de Távora ordenara aos logares que não contribuissem e mandou o Tenente Coronel do Regimento de Cavalaria de Almeida com 70 cavalos para que junto aos 60 que estavam naquelas vizinhanças se opusesse aos inimigos, que tinham ameaçado os ditos logares de serem queimados se não pagassem, e com efeito no último do passado (31 de Janeiro) saíram daquela praça 140 cavalos e 160 infantes para executarem as prometidas hostilidades de que tendo notícia o dito Tenente Coronel os foi atacar com 130 cavalos e o executou com tal valor que derrotando os inimigos lhes tomou 12 cavalos e matou 14 e da infantaria se não salvou mais do que um sobrinho do dito Palomino e assim ficaram prisioneiros 110 homens e os mais mortos.»

O governador da Província, D. Pedro de Mascarenhas, ordena ao capitão Francisco Xavier de Ordaz Sarmiento que estude as operações do inimigo a fim de o expulsar o mais breve possível.

O Marquês de Bay, entretanto, vem sitiá-la desde 4 a 14 de Agosto onde se encontra D. Pedro de Mascarenhas, como cita Cardoso Borges, mas não consegue fazê-la capitular tendo de se retirar após êste demorado cêrco.

Mascarenhas, partindo de Bragança para Quintanilha, ataca Alcaniças que se rende a 17 de Outubro e Francisco de Távora surpreende a praça e forte de Carvajalles que toma, acompanhando-o nesta emprêsa o Comandante do Regimento de Cavalaria, Gonzalo Pires Bandeyra, com o seu tenente-coronel António Monteiro de Almeida e sargento-mor José Sarmiento Ferreira.

Rendida Alcaniças, como dissemos, a 17 de Outubro, marcham as nossas tropas sôbre a Puebla Senábria que submetem também.

Estava vingada a afronta tendo os nossos estendido os domínios portugueses a Carvajalles, Puebla e Alcaniças.



Fig. 7 — Muralhas da Fortaleza, começadas em 1294. O que ficou da terrível explosão.

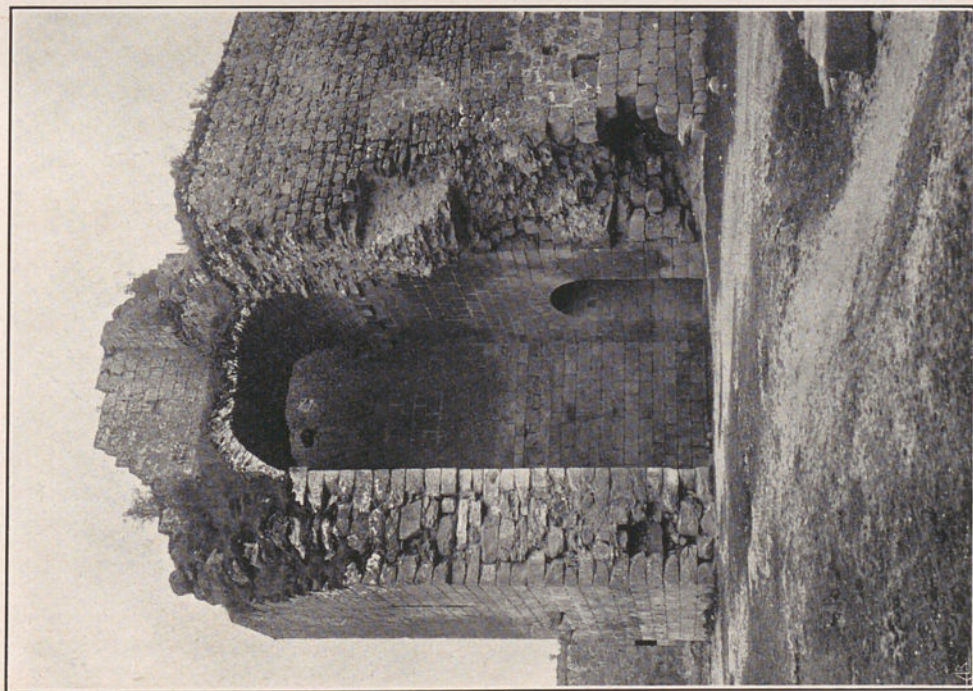


Fig. 8 — Ruínas da Torre de Menagem do velho Castelo de Miranda, situado numa pequena eminência a N. O. da Cidade, com sua porta principal



Fig. 9 — DUAS IGREJAS — Igreja Paroquial com a sua escadaria de acesso ao adro, monumento Românico-religioso bastante típico



Fig. 10 — IGREJA DE MALHADAS — Povoação cheia de recordações históricas. Na porta lateral da arcaria ainda está a inscrição «General Lecort» dizendo-se que fôra êste General que tal inscrição fizera atendendo à solicitação da gente dêste povoado e isto para que os soldados franceses não profanassem o pequeno templo. Malhadas foi vila no princípio da monarquia. D. Sancho I deu a vila de Malhadas a D. Nuno de Zamora, D. Pedro Ponce, D. Miguel, D. André e D. Salvador com a condição de entrarem na vila de Bragança e a defenderem caso esta fôsse cercada. Esta terra tem vestígios de fortificações no sítio de Mirandina.



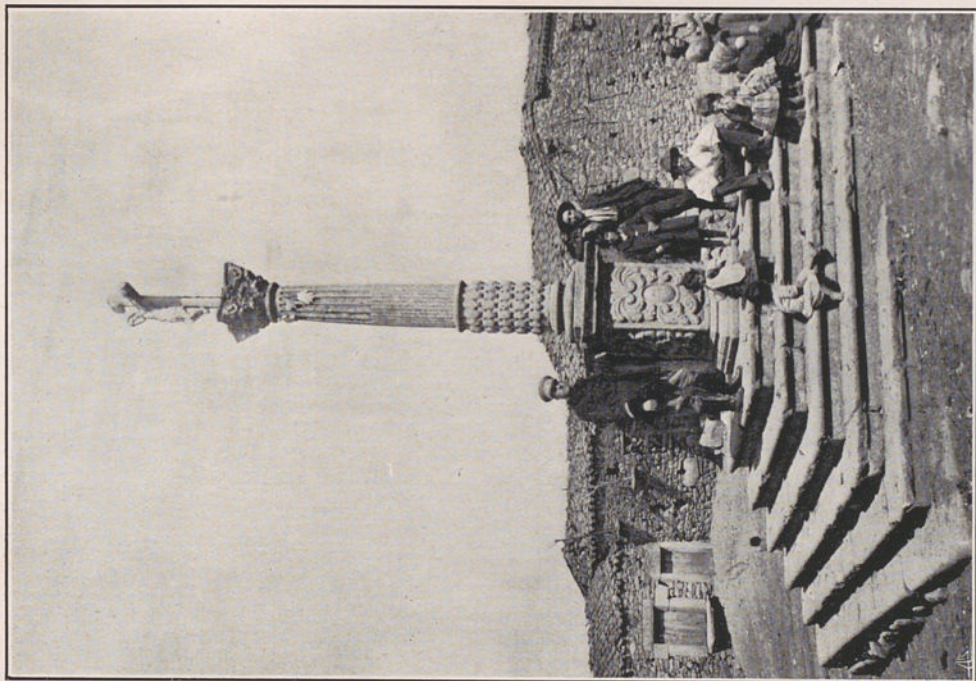


Fig. 11 — CACARELHOS — O cruzêiro mais belo de todo o Distrito, monumento interessante. A povoação foi tomada pelos Castelhanos em 1641 sob o comando do Conde de Alva de Liste.



Fig. 12 — OUTEIRO DE MIRANDA — A Igreja, destacando-se no horizonte o Castelo de Outeiro olhando para Quintanilha e de que hoje apenas existem ruínas. A antiga vila de Outeiro foi fundada por D. Diniz em 1282 e teve foral de D. Manoel, dado em Lisboa em 11 de Novembro de 1514.



MIRANDA DO DOURO — Paços do Concelho, com o escudo de D. João III na casa contígua da cadeia



MIRANDA DO DOURO — Rua da Costanilha — Uma interessante casa medieval com seus cachorros característicos, esculpidos e em granito (rua quinhentista)



Fig. 13 — Ruínas do Castelo de Algoso, defendido valorosamente em 1710 quando o Marquês de Bay conquistou, pelo artil, Miranda do Douro



Fig. 14 — Ponte medieval sôbre o Rio Fresno, testemunha dos cercos de Miranda. Êste rio nasce em Constantim, povoação por onde entrou o Conde de Lippe em 1767



Fig. 15 — Picote local do reencontro de 1763. Terrenos junto da povoação de Picote, aldeia que se diz ter sido cidade com o nome de: Del-Cueto. Há nas proximidades desta terra, como conta Luiz Cardoso no seu *Dicionário Geográfico de Portugal*, sepulturas abertas a pico em fragas. Conserva vestígios de fortalezas para o nascente no sítio da Cigaduenha, e mais para nascente ainda existe uma fraga com o nome de Castelo de las Ruecas onde foi achado um alfange de metal amarelo. Aqui teem sido encontrados vários objetos antigos entre os quais uma fibula de cobre ou bronze.

Em fins de Janeiro de 1711 ainda os castelhanos exerciam as suas prepotências na Praça de Miranda que a traição lhe havia entregado!

Nas cercanias continuava acampado e vigilante Francisco Xavier Ordaz Sarmiento que os espanhóis procuraram e tentaram surpreender fazendo avançar sobre o seu acampamento 200 cavaleiros e igual número de peões; foram, porém, valorosamente batidos pelas tropas do coronel António Monteiro de Almeida que em Carção, Argozelo e Santulhão acamparam para socorrer Sarmiento.

Os espanhóis procuraram aniquilar algumas das nossas forças por meio duma cilada que irrompe detrás dumas paredes no lugar de Cércio (1), sendo valorosamente batidos pelas tropas do coronel Martins.

Fizeram-se então muitos prisioneiros que foram conduzidos para Algôzo (Fig. 13) e para Bragança. Os castelhanos começam a temer a reconquista de Miranda...

De facto D. João V determina que o general D. João Manoel de Noronha, que foi 6.º Conde de Atalaya, 1.º Marquês de Tancos e Comandante das tropas da Província de Trás-os-Montes, sitiesse a praça.

Reuniu, para isso, o maior número que pôde de Regimentos de Cavalaria e Infantaria e chegou a 11-3-1711 à vista da cidade.

Cortadas as comunicações que o inimigo tinha no Rio Douro, as nossas tropas foram estabelecer-se sobre a Ribeira do Fresno, perto da ponte (Fig. 14) e daí acestaram oito peças sobre o Castelo.

Às cinco horas de 13 começou o ataque.

Depois duma feroz resistência, pedem os castelhanos, no dia 15, um armistício de três dias que lhe é negado, dando-lhes D. João Manoel de Noronha apenas meia hora para resolverem a capitulação.

Os espanhóis não aceitam e ainda reagem.

Desanimados, totalmente, com o aparecimento inesperado do Brigadeiro Tomaz da Silva Teles que, regressando do Alentejo,

---

(1) No reinado de D. Afonso III chamava-se Cercio.

vinha assistir ao cêrco, o inimigo capitula, ficando a guarnição da praça prisioneira e entregando tôdas as munições, armamento, dinheiro e animais. Esta capitulação foi assinada por Tomaz da Silva Teles, D. António Mendonça Sandoval e por D. João Manoel de Noronha.

A-pesar desta lição, em Maio de 1711, o forte de Carvajalles, occupado pelas tropas portuguezas sob o comando do valente Coronel do Regimento de Bragança Domingos Teixeira de Andrade, foi terrivelmente sitiado e, desprovida de víveres e de munições, esta praça capitulou após uma heróica resistência, ficando prisioneiro Teixeira de Andrade, como escreve Pinheiro Chagas.

Vingou êste revés o sargento-mor Francisco José Sarmento Ferreira, tomando aos castelhanos vinte e nove cavalos e aprisionando um alferes nas campinas de S. Martinho de Angueira (1).

Esta guerra que como é sabido termina com o tratado de Utrecht em 11-4-1713, sem que qualquer benefício trouxesse a Portugal, decorreu, como vimos, nesta região Mirandesa, por quási todo o território, não aparecendo um único argumento, que possamos aduzir, para se poder afirmar, nitidamente, que o heróico possuidor da Espada houvesse tombado num dos cêrcos de Miranda e em especial no local em que ela foi encontrada.

E pondo-se de parte a idea de ela ficar soterrada nesta época, narremos os episódios que em volta da heróica cidade se desenrolaram durante a

## **Guerra dos sete anos — Guerra do Mirandum**

### **Campanha de 1762**

Não nos demoraremos a analisar as causas desta campanha nem nos deteremos a reproduzir o que mais ou menos tôda a gente conhece sôbre o assunto.

---

(1) Diz-se guardar na sua Igreja de S. Miguel os ossos dum general que ali fundara a Comenda de Cristo e que vencera três batalhas travadas por aqueles sitios e que para comemorar as três vitórias foram erguidos os três notáveis cruzeiros — A cruz branca, a de Águas vivas e a de Ifanes. Há vestígios de dois castros nesta localidade — Castro do Gago e Castro da Cocola.

Entremos no estudo claro do que se passou por terras mirandesas visto ser esta a nossa finalidade.

Surgira o ano de 1762 e as tropas castelhanas e francesas, a 8 de Maio, pelas dezanove horas e meia, invadiam o território de Miranda a-pesar do nosso País não secundar o plano de Pitt contra a aliança franco-espanhola.

Miranda do Douro, uma das melhores e mais antigas praças transmontanas cuja origem e importância, como já vimos, nascera da sua posição estratégica, foi uma das terras que mais sofreu com esta luta que inicia a sua decadência.

O Conde de Ariola, Duque de Lafões, é nomeado General Comandante do nosso Exército e o marechal General Conde de Lippe, Chefe do Estado Maior. O Marquês de Pombal mais uma vez dá público testemunho da sua energia sustentando com firmeza esta guerra e sendo os castelhanos derrotados em várias batalhas, até que, em 10 de Fevereiro de 1763, se assinou a paz geral.

O Marquês de Sarria e o Conde de Aranda tinham seguido a fronteira até Castelo-Rodrigo esperando que o coronel espanhol O'Reilly saqueasse Miranda, assolando os campos. O inimigo desejou passar o Rio Douro, encontrando resistência tenaz da parte dos nossos camponeses milicianos comandados por M. O'Haro e pelo capitão Domingos Ferreira, o capitão da guerra do Mirandum, como nos conta Deusdado nos seus *Escorços Transmontanos*. Houve o recontro de Picote (Fig. 15) em que o valente capitão se mostrou digno émulo dos bravos transmontanos, tendo a glória e honra de comandar os milicianos da Réfega e de outras terras Mirandesas (1), pertencentes à tropa do destemido Morgado Carvalho, da cidade de Miranda, que como o capitão do Mirandum todos tinham por divisa «Por temor não percas honor».

A-pesar-de ser pequena a duração desta guerra, ela deixou na memória de todos os Mirandeses terríveis recordações e uma das páginas desastrosas para a sua arquitectura militar.

De facto o coronel O'Reilly, espanhol mas de origem irlandesa, que em 1794 era tenente-general na guerra de Russilhão e

(1) A povoação de Prado Gatão teve importância pois D. Manoel deu-lhe foral em Santarem em 1 de Junho de 1516.

foi cantado por Byron, coronel às ordens do Marquês de Sarria, marchou com 1:800 homens sôbre Miranda que depois de resistir por três meses, é finalmente destruída, voando pelos ares o Castelo e muitas casas, com uma explosão de 1:500 arrobas de pólvora. Ignora-se se a explosão foi acidental ou de propósito; é porém tradição que o governador do castelo fôra comprado pelos espanhóis e pusera fôgo ao paiol, pois após o desastre fôra visto fora das muralhas, caminhando para o campo inimigo; nas ruínas faleceu muita gente que heróica e afincadamente combatia, não se podendo identificar a maior parte por se achar carbonizada e computando-se o número de mortos em 350 ou 400 pessoas. Nas brechas e ruínas muitos cadáveres ficaram. No livro de óbitos e que Pinho Leal transcreve assinado pelo pároco Bento de Moraes Freire lê-se: «E também declaro que debaixo da brecha que faz cara ao meio dia estão mais de 100 pessoas que as vi eu sepultar nas ruínas porque casualmente me achava presente, e quis Deus livrar-me.»

«Dentro do «donjão» ao redor do pôço, está também muita gente.» «Na ponta do terreiro, caminhando para a plataforma, junto ao Castelo ficaram também muitos sepultados.» «Na cortinha contígua à «peça deslocada» que é de Josefa Simões se enterraram 70 e tantas pessoas que nenhuma se soube quem era e que com trabalho se puderam tirar das ruínas.» Isto se poderá ler no livro de óbitos da freguesia de Miranda do Douro de fôlhas 137 a 202.

O alferes José Maria Neto relata nos seus *Rabiscos sôbre a sua terra natal*, que faltam nas diferentes ruas de Miranda cêrca de duzentas casas destruídas por esta explosão que arremessara pedras até à distância de um quilómetro.

A casa do morgado Ordaz Sarmento, hoje de Agripino da Conceição Rodrigues, foi nessa época improvisada em hospital porque já os doentes não cabiam nos hospitais civil e militar.

Era João de Gouveia Pimentel, filho de Felix Pimentel, alferes, director das oficinas e comandante da guarda do mesmo Castelo e recebeu também três ferimentos perigosos, na cabeça, braço esquerdo e perna direita, tendo sido feito prisioneiro e enviado para Burgos só regressando em 16 de Maio de 1763 com os dois regimentos que guarneciam Miranda; estas tropas



deviam ser o 2.º regimento de infantaria de Bragança cujo comandante era o coronel D. Luís António de Sousa e o regimento de cavalaria que tinha como comandante o coronel Baltasar Jácome do Lago, ascendente do Visconde das Arcas, que servia também de Governador da Praça, visto que em 1764, isto é, um ano depois, era esta força que a guarnecia não sendo provável que mandassem substituir os seus comandantes.

Por êste tempo foi o alferes Pimentel agraciado com o hábito de Cristo, sendo-lhe concedida a pensão de 50\$000 reis anuais, renunciando 38\$000 reis a favor de suas filhas D. Joana e D. Maria Pimentel.

Eram alcaides-mores do Castelo os Marqueses de Távora.

É neste cêrco que aparece a Heroína, aquela rival de Brites de Almeida, depois do medonho successo que narrado fica, após o qual a soldadesca desenfreada do exército castelhano praticou execrandos excessos por todos aqueles sítios, os quais, durante dezenas de anos, foram narrados, pelos velhos, ao fôgo crepitante das lareiras, nessas longas noites de inverno...

Camilo Castelo Branco nas suas *Noites de Insónias*, conta-nos o comovente episódio, que por terras Mirandesas também ainda se ouve, e que, resumidamente, vem a ser o facto de um sargento castelhano, passando o rio Fresno, ter visto a donosa mirandesa e projectar fazer-se amar por meio do assalto...

Ela era casada com um guerreiro que veio uma das tardes dormir a casa, e alta noite, o sargento, acompanhado de mais dois soldados, foi bater-lhe à porta supondo que a moça estaria só.

A honesta mirandesa informara o marido do que se passava.

Levantou-se êste, foi abrir a porta e com um arcabuz matou um dos soldados e com dois peloiros o outro; porém o português sucumbiu, ferido pelo inimigo com uma facada nas entranhas.

Quedara vivo o sargento que a mulher vasou do peito às costas com um espêto...

E que esta guerra ficou bem gravada no espírito dêstes povos até no-lo prova a sua muito original e característica Dança dos Paulitos, dança pírrica, guerreira por excelência, que chegou a ser uma instituição de tôda a Grécia, e mais tarde espalhada em Roma e nos seus domínios, como é sabido.

Na dança pírrica havia quatro partes: na 1.<sup>a</sup>, simulavam-se marchas e evoluções guerreiras; na 2.<sup>a</sup>, preparações para o combate com entrelaçamento de escudos e espadas; na 3.<sup>a</sup>, os saltos para transpor obstáculos; na 4.<sup>a</sup>, movimentos majestosos com que tranquilamente acabava a dança.

Na dança dos Paulitos há mais de quatro partes a que os Mirandeses chamam laços.

A dança completa tem dezasseis figuras, oito peões e oito guias, como na falange macedónica que se colocava em oito fileiras.

Era assim que a infantaria grega marchava para o combate.

A nomenclatura dos laços ainda tem certo sabor guerreiro e também tem a expressiva movimentação das danças guerreiras da antiguidade clássica, que nós imaginamos quando se observam fotografias de algumas esculturas que da antiguidade ficaram representando as danças pírricas, e no Museu do Vaticano, na sala das Musas, logo do lado direito ao entrar, há um baixo-relêvo representando a dança pírrica.

Quando pelo nosso quartel surgem os disciplinados e alentados Mirandeses é costume organizarmos a «dança dos paulitos» não só com o intuito de se amenizar a vida da caserna, mas ainda porque muito útil nos parece tão interessantes exercícios de destresa e golpe de vista e, numa das últimas danças organizadas, muito se alegrou o nosso espírito ouvindo cantar ao som estridente e rítmico do embate dos paus, uma canção que nos recordou esta guerra, trazendo-nos à memória o capitão do Mirandum de que já falamos.

Não resistimos à tentação de aqui a deixarmos escrita, não lhe tirando mesmo o sabor regional do dialecto Mirandês.

## LA CANTIGA DEL MIRANDUM

Mirandum se fui a la guerra  
 Mirandum se fui a la guerra  
 Mirandum, Mirandum, Mirandela,  
 Não sei quando benerá

Se benerá por la Pascoa  
 Se benerá por la Pascoa  
 Mirandum, Mirandum, Mirandela  
 Se por la Trenidade

La Trenidade se passa  
 La Trenidade se passa  
 Mirandum, Mirandum, Mirandela  
 Mirandum num bene iá.

Chubira-se a ua torre  
 Chubira-se a ua torre  
 Mirandum, Mirandum, Mirandela  
 Pra ber se lo abistaba.

Bira benir un page  
 Bira benir un page  
 Mirandum, Mirandum, Mirandela  
 Que nobidades trairá?

Las nobidades que traio  
 Las nobidades que traio  
 Mirandum, Mirandum, Mirandela  
 Bos ão-de fazer chorar.

Tirai las colores de gala  
 Tirai las colores de gala  
 Mirandum, Mirandum, Mirandela  
 Ponei bestidos de lhuito.

Que Mirandum iá ié muôrto  
 Que Mirandum iá ié muôrto  
 Mirandum, Mirandum, Mirandela  
 Iou bien lo bi anterrar.

Antre quatro ouficiales  
 Antre quatro ouficiales  
 Mirandum, Mirandum, Mirandela  
 Que lo iban a lhebar.

A 5 de Novembro de 1762 terminou esta campanha assinando-se o tratado definitivo em Paris a 10 de Fevereiro de 1763 em condições desastrosas para a Espanha e para a França e com grandes vantagens para a nossa aliada Inglaterra determinando-se, por êle, a evacuação do território português das tropas inimigas.

Pouco ou nada lucramos, mas como diz Latino Coelho esta campanha «deixou intacta a honra portuguesa».

Em 16 de Setembro de 1767 Miguel de Arriaga Brum da Silveira, escreve de Miranda do Douro, na qualidade de secretário do Conde de Lippe durante a campanha de 1762, ao Conde de

Oeiras, Sebastião José de Carvalho, comunicando a chegada a esta cidade de S. A. o Conde de Lippe (1).

Ao snr. cap. bibliotecário da Biblioteca do Ministério da Guerra Moreira Sales devemos esta notícia e ainda a de que tendo o Marechal Conde de Lippe feito uma larga viagem por tôdas as províncias de Portugal em Maio de 1764 para examinar o estado das fortificações das praças, esteve em Moncorvo no dia 12 de Maio, dormiu em Mirandela em 13, dirigindo-se depois para Braga, Pôrto e Coimbra, etc.

Como então não foi a Miranda, emendou depois o êrro, como se vê da adjunta carta...

Eis-nos pois chegados ao têrmo das nossas divagações.

Desnecessário se torna avançar mais, perscrutar mais fundamente o que os documentos históricos nos disseram.

A interessante espada combateu pela última vez na guerra do Mirandum, morrendo o braço leal que a empunhara nessa horrenda catástrofe que acabamos de narrar, triste episódio da Guerra dos sete anos.

¿Quem foi o herói que com ela ficou sepultado!?...  
¡Um oficial!...

(1) «Ilustrissimo e Ex.º Senhor.

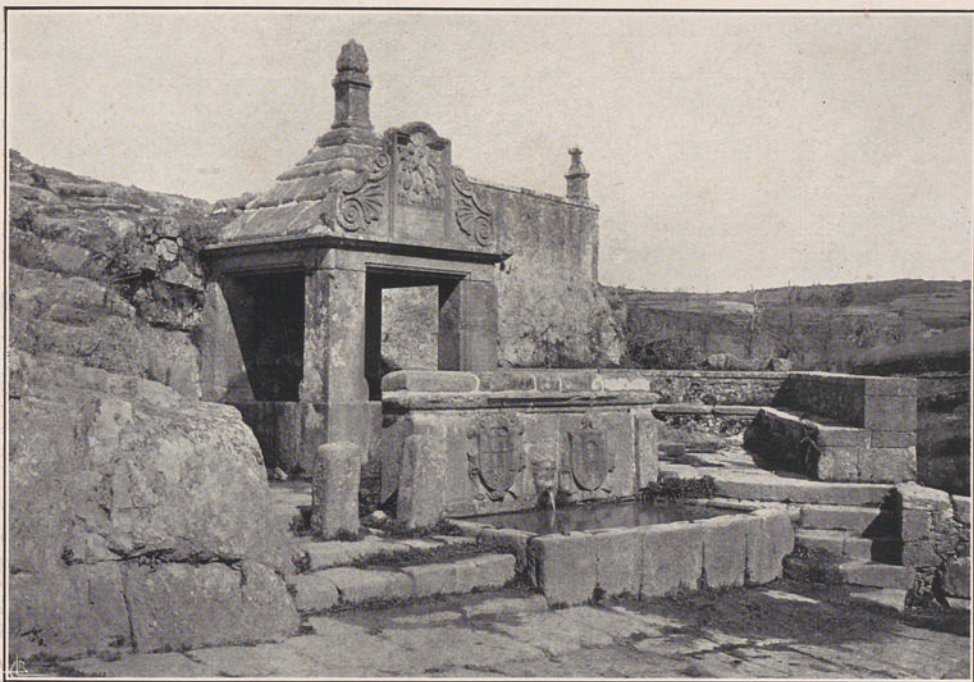
... Com a gostosa e importante notícia da feliz chegada de S. A. que hoje fomos buscar, e encontramos pelas 4 horas da tarde perto da Fronteira dêste Reino acima de Constantim, duas legoas desta Praça.

Achamo-lo muito bem disposto e sumamente satisfeito de poder dar á Europa este pequeno testemunho do reconhecimento que tem das altas honras e mercês que S. Magestade lhe tem feito, e do profundo respeito que consagra á Sua Real Pessôa e a toda a Augustissima Casa.

Partiu de Bayonna quando nós sahimos de Lisboa isto hé, no dia 3 do corrente; por isto não pôde chegar senão no dia de hoje em que completou 101 legoas; nós fizemos 80 e chegamos no dia 14. Sem embargo de ter sido tão justo o seu ponto de vista de Londres a Miranda, sôbre o que lhe fiz o meu cumprimento, sentio tello ainda errado de 24 horas.»

«A jornada que intenta seguir, hé a de Almeida, indo daqui a Torre de Moncorvo, vendo no Mogadouro o Regimento de Miranda que ali mandará vir de Bragança, a depois os de Chaves e Bragança, Cavalaria na Vilarça, huma legoa abaixo da Torre de Moncorvo onde os fará vir para lhes passar revista. Isto se poderá effectuar até os 20 do corrente e tempo em que tomaremos a volta de Almeida para dalli nos dirigirmos ao Tejo por Vila Velha.»

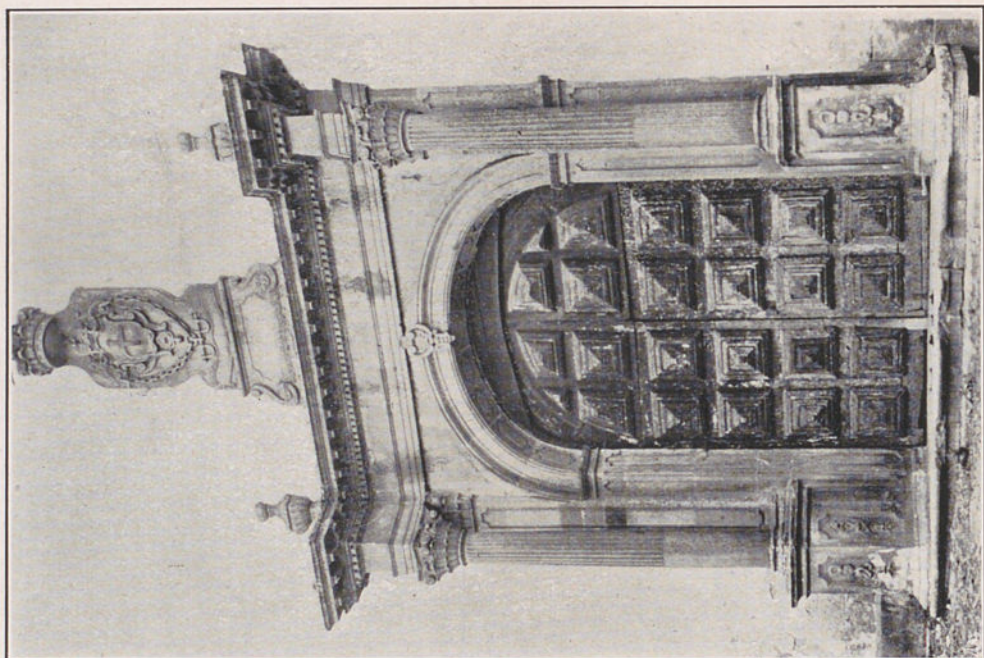
(Arquivo de História Militar, maço do Conde de Lippe, 1762-1767.)



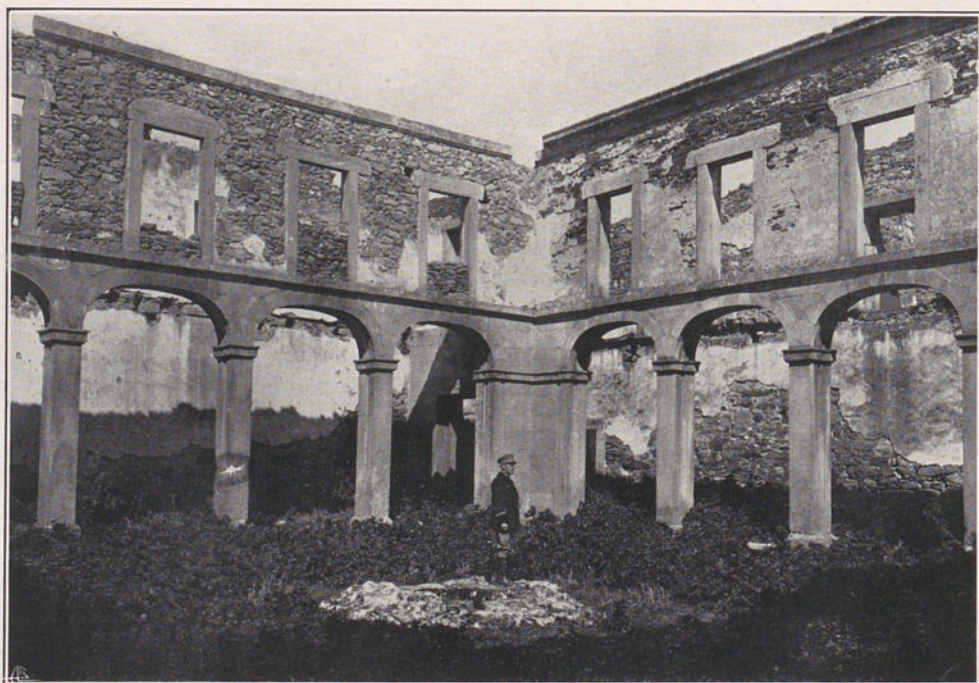
Fonte da Ponte dos Canos, possivelmente do Reinado de D. Manoel. A sua água vem canalizada por canos de granito. Fica situada a cerca de 400m a Oeste da Cidade.



-O Penedo Amarelo — Alto rochedo de granito, lançado quási a prumo sôbre o Rio Douro, na sua margem esquerda, em frente da Cidade, é duma côr de amarelo viva.



MIRANDA DO DOURO — Porta do antigo Convento de Frades Trinos



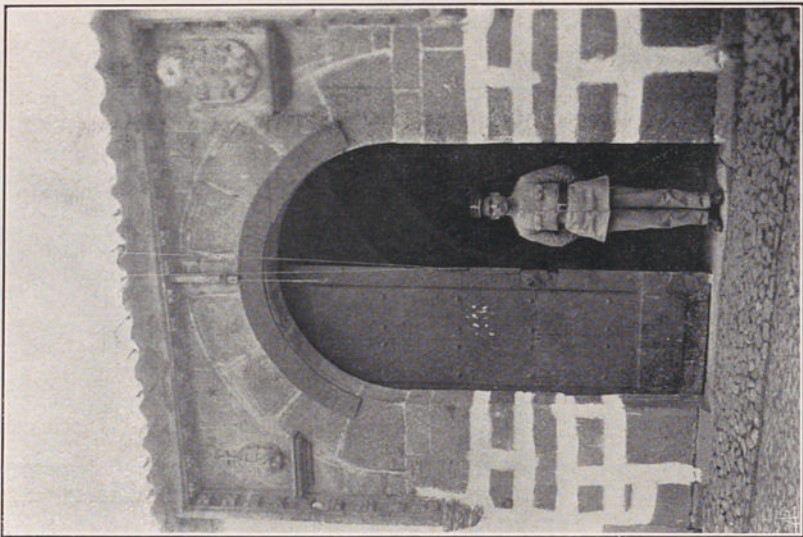
Ruínas do Paço Episcopal — O Claustro com as suas colunas monolíticas  
(Tem 365 portas e janelas êste edificio)



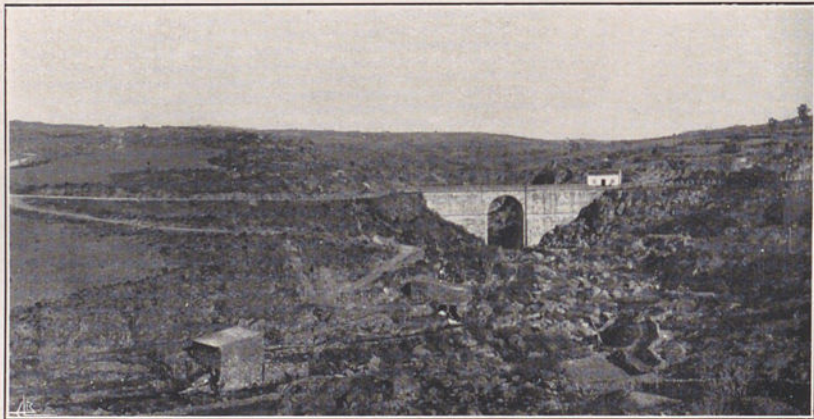
MIRANDA DO DOURO — Actual sede de Comarca de 3.<sup>a</sup> classe,  
concelho de 4.<sup>a</sup> ordem!... (Vista geral)



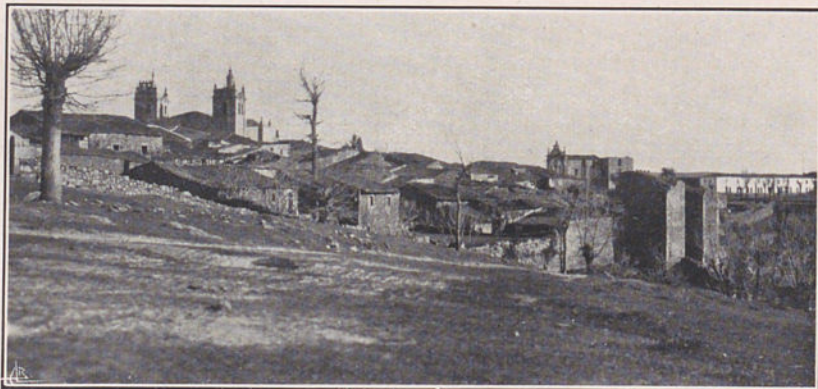
Edifício da Câmara Municipal



Porta da antiga Alfândega, com as armas de D. Manoel



Ponte nova sôbre o Rio Fresno que corre perto da velha Cidade



MIRANDA DO DOURO – Vista do lado poente





CAPELA DE SANTA CRUZ EM CAÇARELHOS — Esta Capela, de interessante estilo D. João V, é coeva do seu magnífico cruzeiro. Tem a seguinte inscrição: *Memorare Novissima Tua et in Aeternum—non peccabis.* Esta capela a mandou fazer o Abb. Geronimo de Moraes Castro com a ajuda das esmolas dos devotos do apostolo S. Bartholomeu. — Anno de 1776.



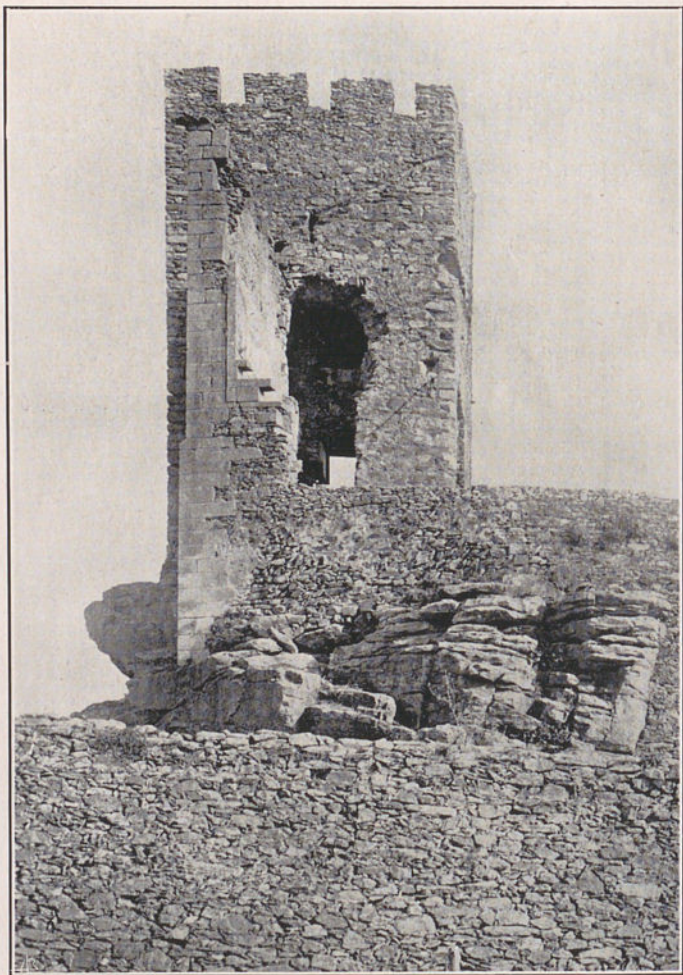
Casa quinhentista situada em Caçarelhos



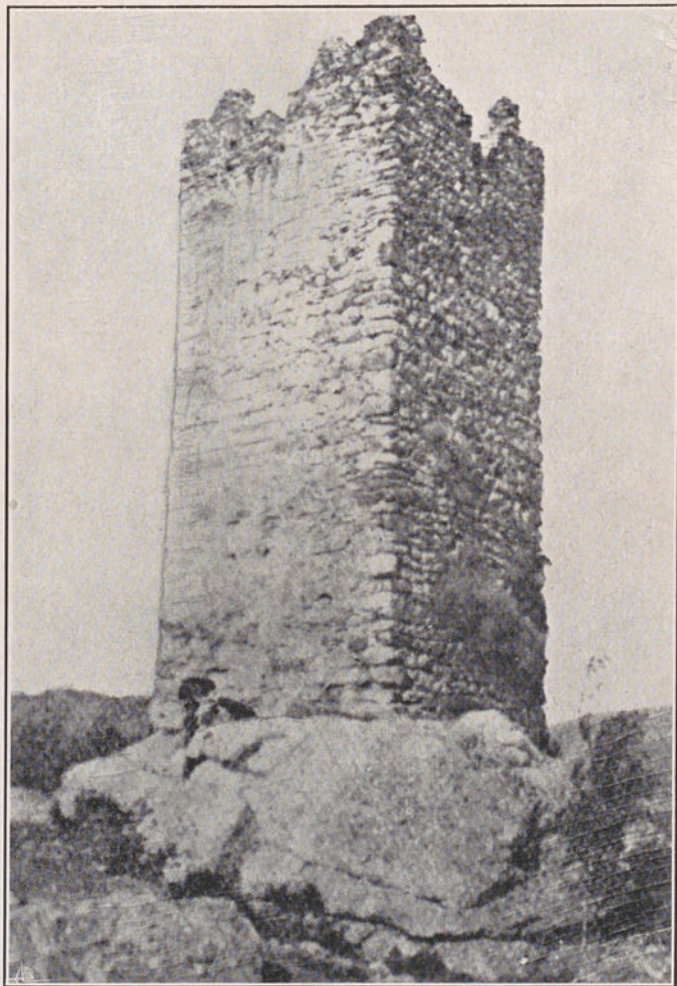
VILA CHÃ DA BRACIOSA — Importante povoação de Miranda do Douro — Igreja Matriz, monumento típico. No reinado de D. Afonso III chamava-se Vila-plana de Braciosa. E terra natal do deão e Governador do bispado de Miranda, Paulo Miguel e do actual Juis da Relação do Pôrto, sr. dr. António Carlos Alves.



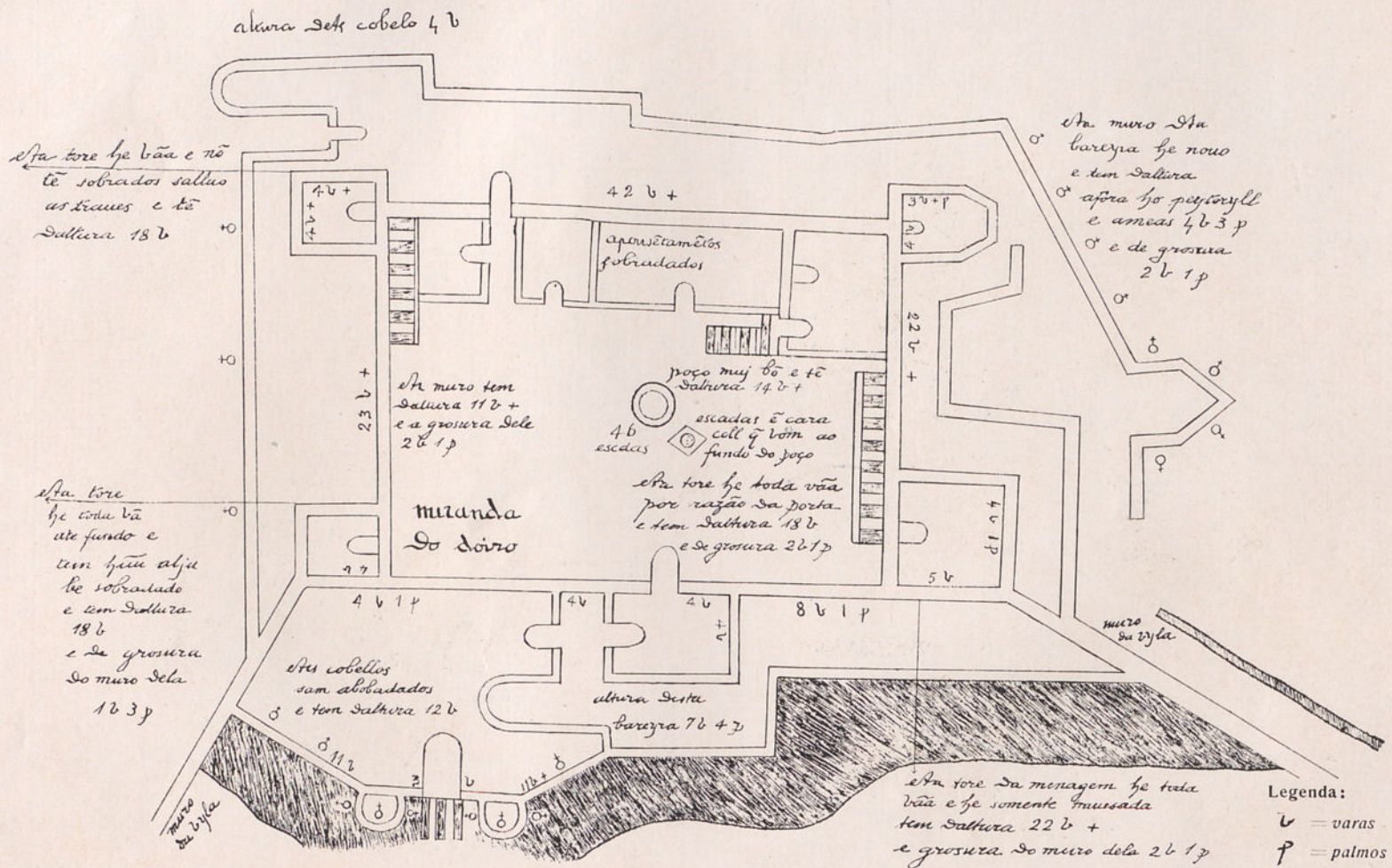
CAÇARELHOS — Uma casa quinhentista com o seu alpendre característico



MOGADOURO — O único torreão que existe pertencente ao Castelo de Mogadouro de que foram alcaides os Marqueses de Távora



CASTELO DE PENAS ROIAS—Hoje do concelho do Mogadouro, sentinela secular situada entre o Castelo de Miranda do Douro e o Castelo de Mogadouro, assente sobre rudes penedias no meio da aridez que o rodeia. Fazia parte da série de fortificações que guarneciam a fronteira Transmontana.



Planta da fortaleza de Miranda do Douro no século XVI (Desenho de Duarte de Armas)

# TERRAS MIRANDESAS E LIMITROFES



BRAGANÇA

LEÃO



## LEGENDA:

- Districtos (Capital) .....
- Cidades .....
- Vilas .....
- Freguesias .....
- Aldeias .....
- Caminhos de Ferro .....
- Estradas .....
- Fronteira .....
- Divisão de concelhos .....
- Castelos ou ruínas .....

Escala 1/300.000

Pela cópia Ferreira-Alperes



Permanecerá essa relíquia, que ornamenta êste descolorido trabalho, nas salas da Tôrre de Menagem do Castelo de Bragança a atestar aos vindouros o que foi o desastre de Miranda para a nossa região e em especial para a Gente Mirandesa que tão grande tributo de sangue pagou nessa guerra.

E para terminarmos bem quereríamos contar as acções patrióticas de que, a partir desta época, Miranda deu provas, já nas invasões francesas em que Lecort deixou o seu nome na Igreja de Malhadas (Fig. 10), já quando da expulsão dos invasores e ainda nas lutas caseiras em que o torrão Mirandês também soube marcar nobremente o seu lugar.

Como, porém, não foi êsse o nosso intuito, assim enceramos o nosso desvalioso trabalho, esperando que os novos, acalentados pelo patriotismo e regionalismo Transmontano, possam ir mais longe desbravando terreno tão fértil em actos heróicos e acções patrióticas.

O Concelho de Miranda do Douro em 1706 segundo aponta a *Corografia Portuguesa* do P.<sup>e</sup> António Carvalho da Costa, t<sup>o</sup>mo I, página 281, compreendia as seguintes povoações:

CERCIO

VILA CHÃ DA BARCIOSA

FREIXIOSA

SENDIM

PICOTE

DUAS IGREJAS

PALAÇOULO

PRADO GATÃO

ÁGUAS VIVAS

MALHADAS

VILAR SÉCO

GENÍSIO

ÇAÇARELHOS

ESPECIOSA

S. MARTINHO

AVELANOSO

IFANES

CONSTANTIM

SICOURO

ALDEIA NOVA

PARADELA

PÓVOA

FONTE DE ALDEIA

ANGUEIRA



## NÓTULAS HISTÓRICAS

### E

## VARÕES DE QUE FALAM AS RELÍQUIAS DE MIRANDA DO DOURO

### Nas Artes

- 1533 — Miguel Arruda. — Famoso architecto do Mosteiro da Batalha, autor do debuxo (planta) da Sé de Miranda.
- 1547 — Gonçalo de Torralva. — Sucessor de Arruda e que deixou na Sé o Estilo Clássico-Renascimento Italiano, destituído de toda a influencia do Manoelino.
- 1576 — Francisco Velasques. — Mestre de obras da Sé (architecto) que jaz sepultado na mesma Sé tendo ali o seu brasão.
- 1611 — Tomaz Velasques. — Mestre do retábulo do Altar Mor.
- 1621 — Marim Rodrigues de Gaia. — Prateiro de Zamora que fez uma custódia para a Sé.
- 1662 a 1664 — António Lopes de Sousa. — Escultor do retábulo.
- 1665 — Alonso de Ramessale. — Pintor do retábulo por 100\$000 reis.
- Luis Machado Pereira. — Mestre em Artes e Mestre escola da Sé de Miranda.

### Na Política

- 1490 — Bernal Afonso. — Procurador por Miranda às côrtes de Évora.
- 1581 — Gaspar Buiça e António Pêgo. — Procuradores por Miranda às côrtes de Tomar, para o juramento de Filipe I.
- 1583 — Henrique Pimenta e Pedro Malho. — Procuradores por Miranda do Douro às côrtes de Lisboa.
- 1624 — Nuno Álvares Pereira. — Que foi, durante vinte anos, Secretário de Estado e Conselheiro de Filipe II, que lhe deu o título de Conde de Muge.

### Na Religião

- 1545 a 1533 — D. Turíbio Lopes. — Primeiro Bispo de Miranda do Douro. Castelhana que acompanhou D. Catarina para Portugal, após o casamento desta com D. João III. Este Bispo mandou fazer à sua custa, a famosa calçada que vai da cidade até à barca do Douro e nisso dispendeu considerável fazenda.
- 1554 a 1564 — D. Rodrigo de Carvalho. — Segundo Bispo, que teve o título de Conde de Palatino, que em Portugal, no século xv e xvi, se dava aos lentes jubilados.
- 1565 a 1569 — D. Julião Alves. — Bispo, confessor de D. Catarina e capelão Mor de D. Sebastião, que escreveu os estatutos da Sé de Miranda.

- 1572 — D. António Pinheiro. — Governador da Diocese de Miranda, que pronunciou um violento discurso na presença de D. Sebastião, discorrendo sobre o texto *Adolescens, Tibi dico, surgé.* — «Mancebo, a África será a tua desgraça senão a evitas, por isso levanta-te e vai para tua casa.» Foi prégador em África na primeira expedição.
- 1689 — D. Manoel Botelho de Matos. — Vigário geral do Bispado de Miranda que enviou à Academia Real de História Portuguesa *Notícias referentes a Miranda do Douro.*
- 1764 — D. Frei Aleixo. — Que em 7 de Março de 1764, quarta-feira de cinza, decretou a transferência do cabido de Miranda para Bragança, tendo estado a séde em Miranda duzentos e doze anos. Tinha o cabido sete dignidades, sete cônegos e seis meios cônegos. Só em 1770 é que D. José obteve de Clemente XIV a criação do Bispado de Bragança.
- 1762 — Padre Bento de Morais Freire. — Homem ilustrado que mandou escrever a fol. 197, v., do *Livro dos Óbitos da freguesia*, o termo de declaração de como decorreu a explosão do Castelo, em 8 de Maio de 1762.

### Nas Ciências e Literatura

- 1700 — Manoel Lopes Pereira. — Doutor pela Universidade de Salamanca, foi médico do Bispo e do Cabido Mirandês — clínico notável. Publicou em Salamanca, em 1700, *Xiniolum médico-theórico prático.*  
Bernardo Pereira. — Médico e escritor.
- 1611 — João de Faria. — Douto em observações astrológicas e em notícias de História Portuguesa. Publicou *Calendário dos Tempos*, respeitante aos anos 1611-1612 e 1616.  
Pedro Alves Pereira. — Escritor; deixou a *História das Conquistas Portuguesas* (manuscrito).
- 1711 — D. Francisco Xavier de Menezes. — 4.º Conde de Ericeira que escreveu a *Relação do sítio e rendimento da Praça de Miranda*, publicada em 24-3-1711.  
Domingos Pires Pavão. — Mestre-escola da Sé de Miranda e instituidor do 1.º morgadio.
- 1732 — Bernardo de Brito Botelho. — Bacharel em Cánones que foi Juiz dos Órfãos da cidade de Miranda e publicou a *História Breve de Coimbra.*
- 1741 — José Andrade de Morais. — Depois de formado em Cánones prégou na América vários sermões, publicados em Lisboa por 1741 a 1746.

### Nas Armas

#### Mestres de Campo

- 1640 — Manoel Pacheco de Melo. — Que como mestre de Campo se distinguiu desde 1640 a 1668.
- 1724 — Manoel de Morais Faria Antas e Silva. — Cavaleiro professo de Cristo e mestre de campo do Regimento de Infantaria auxiliar das Comarcas de Miranda e Mogadouro em 1724.  
Manoel de Morais Faria. — Cavaleiro professo da ordem de Cristo e mestre de campo das Comarcas de Miranda e Moncorvo.
- 1770 — Joaquim José Caldeira Valadares. — Casado em Fonte de Aldeia. Mestre de campo e fidalgo da casa real.
- 1785 — Martinho Caetano Pegado de Oliveira. — Mestre de campo de Miranda do Douro por 1785.
- 1788 — Manoel Carvalho Salazar. — Mestre de campo em Miranda por 1788.  
Cristóvão Ferreira Sarmiento de Faria Pimentel. — Mestre de campo do terço de auxiliares da Comarca de Miranda.

### Governadores

- 1690 — João Ferreira Sarmiento Pimentel. — Fidalgo da casa real, capitão de volantes, governador do Forte de S. João de Deus de Bragança e da Praça de Miranda do Douro por 1690.
- 1710 — Carlos Pimentel. — Que vendeu a Praça de Miranda aos Castelhanos por 6:000 dobrões em 1710.
- 1737 — Diogo de Moraes Pimentel. — Governador por 1737.
- 1807 — Manoel Alves de Faria. — Governador de Miranda e tenente-coronel de infantaria de 1807 a 1815.
- 1818 — Pedro Guerra Rebelo. — Governador interino de Miranda.  
Diogo de Moraes Pimentel. — Governador da cidade de Miranda.
- 1834 — Canavarro. — Governador da Praça de Miranda, absolutista, e que a entregou traiçoeiramente aos liberais em 1834.

### Capitães Mores

- 1641 — Pedro de Melo.  
Martinho Carlos de Miranda. — Capitão Mor da vila de Outeiro de Miranda.

### Sargentos Mores

- 1660 — Belchior de Moraes Sarmiento. — Sargento Mor de Miranda do Douro por 1660.
- 1711 — Pedro Carle. — Sargento Mor de batalha, que em 1711 fêz o reconhecimento da Praça de Miranda por ordem do mestre de campo General D. José Manoel de Noronha.  
Francisco de Távora. — Sargento Mor de batalha e comandante de cavalaria em 1711.  
João Pissarro. — Sargento Mor que muito se distinguiu no cerco a Miranda em 1711.
- 1791 — João de Queirós de Eça. — Sargento Mor da Comarca de Miranda do Douro por 1791.

### Oficiais vários

- 1711 — Domingos Teixeira de Andrade. — Brigadeiro, que se distinguiu no cerco de Miranda e prisioneiro em Carvajales após uma resistência heróica de vinte e seis dias.  
António Luís de Távora. — Brigadeiro, que também se distinguiu no referido cerco.  
Francisco da Veiga Cabral. — Brigadeiro, que muito se distinguiu no cerco de Miranda sendo comandante da infantaria.  
André Pires. — Coronel e que com muita pericia cortou as comunicações no Douro.  
Manoel da Silva Teles. — Brigadeiro que se notabilizou no cerco de 1711.  
Francisco Aires. — Coronel que muito se distinguiu no referido cerco.  
João da Costa Ferreira. — Capitão ferido gravemente por bala de mosquete no referido cerco.
- 1715 — Bernardo Luís Xavier. — Por 1715 foi ajudante de engenheiro e assistiu à fortificação da Praça de Miranda.
- 1724 — Francisco Xavier Ordas Sarmiento. — Morgado de Tuizelo, fidalgo da Casa Real, Cavaleiro de Cristo, Capitão de Cavalaria e Juiz dos Órfãos de Miranda por 1724.
- 1762 — André Ferreira de Moraes Figueiredo. — Cavaleiro da Ordem de Cristo e tenente de Infantaria que em 1762 quando foi tomada Miranda do Douro foi aprisionado e conduzido para Pamplona.

- 1762—Francisco António de Castro de Moraes Correia Pimentel.—Fidalgo da Casa Real, tenente de Infantaria do Regimento de Bragança, que em 1762 fazia parte da guarnição da praça de Miranda, tendo sido nessa data também feito prisioneiro e mandado para Pamplona.
- 1776—Carlos Macart.—Comandante da Infantaria da Praça de Miranda, nesta data.
- 1777—Francisco Ferreira de Moraes Pinto.—Moço fidalgo, Caudel Mor das Caudelarias de Miranda do Douro.
- 1785—Francisco Inácio Machado.—Capitão do tёрço auxiliar da Infantaria de Miranda por 1785.
- 1799—António Manoel de Carvalho e Castro.—Coronel das Milícias de Miranda, Cruz da Guerra Peninsular, Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo.
- 1808—João Manoel de Almeida Moraes Pessanha.—Tenente-Coronel de milícias de Miranda do Douro e moço fidalgo da Casa Real.
- António Vitorino de Moraes Machado.—Capitão da companhia de milícias de Miranda do Douro. Ajudou a tomar o castelo da Puebla Senábria na Guerra Peninsular e possuía a Cruz de Oiro n.º 4 da referida campanha.
- 1816—António Manoel do Amaral.—Coronel de milícias de Miranda do Douro em 20-3-1816.

### Outros patriotas ilustres

- 1710—João Ferreira Sarmiento Pimentel.—Fidalgo da Casa Real, provedor do Exército de Trás-os-Montes para a restauração da praça de Miranda.
- 1777—Inácio Teodósio Rodrigues de Santa Marta Soares.—Provedor da Comarca de Miranda.
- 1808—António José de Moraes Buíça Sarmiento.—Que assinou a acta da Câmara Municipal para a defesa da fronteira contra os franceses.

### Alcaides do Castelo de Miranda

- 1385—Pedro Lourenço de Távora.—Governou Miranda com o titulo de Alcaide Mor, foi armado cavaleiro em Aljubarrota por D. João I; fêz-se frade por ter entregado por ludíbrio, a praça de Miranda aos espanhois.
- 1466—Álvaro Pires de Távora.—Segundo Alcaide Mor.
- 1483—Pedro Lourenço de Távora.—Terceiro Alcaide de Miranda e primeiro Senhor de Mogadouro.
- 1500—Álvaro Pires de Távora.—Quarto Alcaide e segundo Senhor de Mogadouro.
- 1535—Luís Álvares de Távora.—Quinto Alcaide Mor e que em 1535 fêz parte da expedição a Tunis.
- 1578—Luís Álvares de Távora.—Sexto Alcaide Mor que morreu em Alcaçer-Quibir em 1578.
- 1628—Luís Álvares de Távora.—Sétimo Alcaide; fêz parte da expedição à Baía de Todos-os-Santos em 1628.
- 1652—António Luís de Távora.—Oitavo Alcaide; faleceu nesta data.
- 1672—Luís Álvares de Távora.—Nono Alcaide; Governador da Província de Trás-os-Montes e que muito se notabilizou na guerra da Aclamação.
- 1721—António Luís de Távora.—Décimo Alcaide; Tenente General de Cavalaria em Trás-os-Montes.
- 1746—António Sampaio Melo e Castro Moraes Tôrres de Luizignan.—Primeiro Conde de Sampaio, Alcaide Mor de Miranda, General de Cavalaria e Governador das Armas de Trás-os-Montes.
- 1813—Manoel António de Sampaio Melo Moraes Torres de Luizignan.—Primeiro Marquês e Segundo Conde de Sampaio, Alcaide de Miranda e Inspector Geral de Cavalaria.

## Nótulas

- 1545—Miranda é feita cidade em 10 de Julho por carta de D. João III. A Sé é criada pela bula de Paulo III em 22 de Maio de 1545.
- 1323—Em 31 de Janeiro de 1323 no Mosteiro de S. Domingos de Santarém Fernão Sanches filho de El-Rei D. Dinis, e sua mulher Froela Anes, fazem doação a João Afonso, filho e alferes de D. Dinis. de todos os bens que tinham em Miranda do Douro, e pertenceram a Afonso Rodrigues Lobo.
- 1644—Em 20 de Maio de 1644 dá El-Rei ordem para serem enviadas duas peças de bronze, munições e pólvora para Miranda do Douro conforme o pedido do Cabido.
- 1661—Em 21-6-1661 Domingos António Portugal manda dizer ao Cabido que mande buscar duas peças ao Pôrto que ali deixara o tenente General de Artilharia para lhe serem remetidas.
- 1859—No dia 14 de Janeiro dèste ano foi destruido por ordem da Câmara e para ser mandado para outra parte o Pelourinho de Miranda.
- 1905—Em 31 de Julho dèste ano deu-se uma descarga eléctrica sôbre o Zimbório da Torre esquerda da Sé que produziu grandes danos.

— FIM —

M C M X X X



## BIBLIOGRAFIA

- Portugal Antigo e Moderno* — PINHO LEAL.  
*História de Portugal* — ALEXANDRE HERCULANO.  
*Crônicas de* — FERNÃO LOPES.  
*Crônicas de* — RUY DE PINA.  
*Crônicas de* — DUARTE NUNES DE LEÃO.  
*Portugal Restaurado* — CONDE DE ERICEIRA.  
*Gabinete Histórico* — FREI CLAUDIO DA CONCEIÇÃO.  
*História do Exército Português* — CRISTÓVÃO AIRES.  
*Dicionário* — «LAROUSE ILLUSTRÉ».  
*História de Portugal* — PINHEIRO CHAGAS.  
*História Politico-Militar* — LATINO COELHO.  
*Memórias Arqueológicas* — P.<sup>o</sup> FRANCISCO M. ALVES.  
*Escorços Transmontanos* — PROF. DR. MANUEL DEUSDADO.  
*Rabiscos* — JOSÉ MARIA NETO.  
*A Guerra da Sucessão no Distrito de Bragança* — D. CÂNDIDA FERREIRA.  
*Chaves Antiga* — GENERAL RIBEIRO DE CARVALHO.  
*Ordens da Cavalaria de Miranda* — MANUSCRITO.  
*Livros das actas da C. M. de Miranda* — MANUSCRITO.  
*As terras de entre Sabor e Douro* — JOSÉ MANUEL MARTINS PEREIRA.  
*Noites de Insónia* — CAMILO CASTELO BRANCO.  
*Os filhos de D. João I* — OLIVEIRA MARTINS.  
*O Domingo Ilustrado* (Artigo sobre Miranda do Douro) — MORAIS FERREIRA.  
*Bragança ou Bemquerença* — CORONEL A. LOPO.  
*O Conde de Lippe* (obra a publicar) — CAP. CAPELÃO ERNESTO SALES.  
*Enciclopédia Portuguesa* — MAXIMIANO DE LEMOS.  
*Filologia Mirandesa* — J. LEITE DE VASCONCELOS.  
*Dicionário Geográfico de Portugal* — P.<sup>o</sup> LUÍS CARDOSO.  
*Arqueólogo Português* — REVISTA.  
*Mapa de Portugal* (vol. I) — J. B. CASTRO.  
*Corografia Portuguesa* — P.<sup>o</sup> ANTÓNIO CARVALHO DA COSTA.  
*Notas críticas* — DR. FRANCISCO DE BARROS TEIXEIRA HOMEM.  
*História de Portugal* — OLIVEIRA MARTINS.





RÓ  
MU  
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA



\*1329725634\*

